
Artigo de Revisão

Mídias digitais e qualidade da interação mãe-bebê: revisão de literatura

Digital media and quality of mother-baby interaction: literature review



<http://dx.doi.org/10.18316/sdh.v9i3.7513>

Maíra Lopes Almeida^{1*}, Giana Bitencourt Frizzo²

RESUMO

Introdução: A qualidade da interação mãe-bebê é estruturante para o desenvolvimento da criança. Cada vez mais, nota-se que as mídias digitais estão fortemente presentes na vida familiar. A investigação da qualidade da interação mãe-bebê no contexto atual, marcado por essas novas mídias, é essencial para conhecer seus possíveis impactos. **Objetivo:** A partir disso, esse estudo objetivou realizar uma revisão de literatura científica e sistematizar conhecimentos sobre o uso de mídias digitais e a qualidade da interação mãe-bebê. **Materiais e Métodos:** Foram realizadas busca nas bases de dados PsycINFO,

ERIC, Scopus e Pubmed. **Resultados:** Os resultados mostraram que a interação mãe-bebê tem sido estudada, primordialmente, em três situações: a) comparativamente entre leitura de livros impressos e *e-books*; b) comparativamente entre brinquedos tradicionais e digitais e; c) em momentos da rotina. De acordo com os achados, observa-se que as mídias digitais tendem a influenciar negativamente a interação mãe-bebê, ainda que algumas vantagens dos recursos eletrônicos sejam apontadas. **Conclusão:** Discute-se a necessidade de mais estudos que possam investigar o fenômeno, considerando a relevância da interação mãe-bebê para o desenvolvimento humano.

Palavras-Chave: Interação Mãe-Bebê; Interação Mãe-Criança; Relações Mãe-Filho; Mídias Digitais; Tecnologias.

¹ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Orcid: [0000-0002-6956-9858](https://orcid.org/0000-0002-6956-9858)

² Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Instituto de Psicologia e do Pós-graduação em Psicologia (PPGPSICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orcid: [0000-0001-8106-4441](https://orcid.org/0000-0001-8106-4441)

***Autor Correspondente:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Rua Ramiro Barcelos, 2600/112. Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), Brasil. CEP – 90035003.

E-mail: maira.lpalmeida@gmail.com

Submetido em: 10.09.2020

Aceito em: 14.03.2021

ABSTRACT

Introduction: The quality of the mother-baby interaction is essential for the child's development. It is noted that digital media are strongly present in family relations. The investigation of the quality of mother-baby interaction in the current context, marked by these new media, is essential to know its possible impacts. **Objective:** Based on this, we performed a literature review and systematize scientific knowledge on use of digital media and the quality of mother-baby interaction. **Material and Methods:** The databases consulted were PsycINFO, ERIC, Scopus and Pubmed. **Results:** The results showed that the mother-baby interaction has been studied, mainly, in three situations: a) comparatively between traditional and digital books; b) comparatively between traditional and digital toys and; c) during the routine. According

to the results, digital media tend to negatively influence mother-baby interaction, although some advantages of electronic resources are pointed out. **Conclusion:** The need for further studies that can investigate the phenomenon nationally is discussed, considering the relevance of mother-baby interaction for human development.

Keywords: Mother-Baby Interaction; Mother-Infant Interaction; Mother-Child Interaction; Mother-Child Relationship; Digital Media; Technologies.

INTRODUÇÃO

A relação mãe-bebê nos primeiros anos da criança é estruturante para o desenvolvimento do indivíduo¹. Nesse sentido, esse vínculo alicerça-se a partir da função parental que é exercida em interação com o bebê, sendo a criança também participante engajada e ativa nessa troca².

Na interação, o destaque não é sobre a natureza dos comportamentos do bebê ou sobre a natureza das condutas da mãe, mas no elo existente entre o comportamento do bebê, concebido como comunicação, e a resposta da mãe³. Nesse sentido, as reações da criança podem modelar as respostas do adulto por constituírem um sistema de feedback mútuo. Na base de toda interação bem-sucedida entre o cuidador e o bebê estão os sentimentos de reciprocidade e de identificação como outro².

Essas interações são fundantes para o indivíduo, pois quando ocorrem saudavelmente, promovem uma série de combinação de comportamentos educativos, emocionais e sociais. O cuidado presentifica-se, de forma a atender as necessidades biológicas, físicas e de saúde da criança, além de ajudá-la a regular suas emoções⁴.

Evidências sustentam que os cuidados na primeira infância e a interação mãe-bebê tem potencial para impactar o desenvolvimento ao longo da vida^{5,6}. As crianças atingem seu potencial de desenvolvimento a partir de diversos fatores, sendo o principal deles as interações bidirecionais estabelecidas entre cuidadores e bebês, o que deve constituir-se como foco para intervenções nessa faixa etária⁵. Entre os preditores do desenvolvimento infantil, a qualidade da interação mãe-bebê é um dos mais importantes e duradouros, associando-se com os domínios socioemocional,

cognitivo e de linguagem⁶. No entanto, essa investigação deve levar em consideração as influências familiares, contextuais e, inclusive, da cultura e do momento histórico⁷.

O advento e acesso facilitado às novas tecnologias, portáteis e *touchscreen*, surgidas no início do século XXI, propiciou que a atual geração de crianças e adolescentes nascesse imersa em um mundo digital⁸. Nesse sentido, o conceito de mídia digital é definido como dispositivos, formatos e/ou métodos de comunicação que fornecem conteúdo a partir de sinal digital, como a internet e redes de computadores. Incluem-se, como exemplo, as redes sociais, videogames, *e-books*, smartphones, tablets, aplicativos, vídeos do youtube, televisão⁹.

Cada vez mais, observa-se como as mídias digitais parecem ocupar importante espaço nas relações familiares atualmente¹⁰. Pesquisas observacionais realizadas em ambientes naturalísticos, como redes de *fast-food* e *playgrounds*, encontraram intenso uso de smartphones entre pais, mães e crianças^{11,12}. No entanto, estudos sobre tempo de uso de mídias digitais dos cuidadores e das crianças tendem a revelar números menores do que o observado nas pesquisas citadas^{12,13}. Ainda, de acordo com uma revisão sistemática, poucos trabalhos voltados às mídias digitais dedicaram-se à faixa etária de zero a três anos¹⁴.

A partir do exposto, acredita-se que é fundamental sistematizar conhecimento científico sobre o uso das mídias digitais entre crianças de 0 a 3 anos e os possíveis impactos para as relações familiares, mais especificamente, a interação mãe-bebê. A partir disso, este estudo objetivou realizar uma revisão de literatura sobre o uso das mídias digitais por bebês e a qualidade da interação mãe-bebê nesse contexto.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para cumprir o objetivo proposto, este estudo realizou uma revisão crítica da literatura. Esse tipo de revisão é adequado para discutir o desenvolvimento ou o atual estado da arte de determinado assunto^{15,16}. É composta por análise ampla da literatura, considerada fundamental para aquisição e atualização do conhecimento sobre a temática em foco¹⁷. Tendo em vista o objetivo

do estudo, optou-se por esse tipo de revisão para possibilitar amplo e irrestrito acesso à literatura científica existente sobre o tema.

Foram consultadas as bases de dados PsycINFO, ERIC, SCOPUS e PUBMED entre os meses de agosto a outubro de 2019. Os descritores escolhidos foram baseados na terminologia indexada nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Para ampliar a busca, também utilizou-se os termos mais frequentes sobre a temática¹⁸ e o operador booleano “and”, consistindo em: “*mother-child interaction*”, “*mother-baby interaction*”, “*mother-child relations*” AND “*digital media*”, “*technologies*”, “*technology*”, “*smartphone*”, “*tablet*”, “*social media*”.

Para esta revisão, considerou-se como critério de inclusão artigos: a) nos idiomas português, inglês e espanhol; b) sem restrição temporal; c) empíricos; d) foco no uso de mídias digitais dos bebês e a qualidade da interação mãe-bebê. Foram excluídos artigos duplicados, anais de congresso, teses e dissertações. A partir dos resultados encontrados das buscas em bases de dados, foram conduzidas leituras dos títulos e *abstracts* para definir se o artigo preenchia os critérios de elegibilidade. Em caso positivo, foram recuperados os textos completos e extraídos dados referentes ao objetivo da pesquisa.

Os dados dos textos completos que preencheram os critérios de elegibilidade foram extraídos e tabulados em uma planilha no programa *Microsoft Office Excel versão 2013*. Os dados extraídos na planilha foram: nome do estudo, autores, ano de publicação, objetivos, delineamento, método, participantes e principais resultados. Para a visualização dos dados foi proposta a conversão dos achados em subgrupos a fim de fornecer um panorama geral das principais temáticas trabalhadas nos artigos¹⁹. Os subgrupos foram: a) interação durante leitura de livros impressos e *e-books*; b) interação com brinquedos tradicionais e digitais e; c) observação da interação em momentos da rotina.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da considerável influência da relação mãe-bebê para todo o desenvolvimento da criança, é fundamental investigar fatores, como as mídias digitais, que podem associar-se a esse processo. Boa parte da literatura aponta

para os efeitos negativos que a televisão exerce sobre a qualidade dessa interação, no entanto ainda há poucos trabalhos que dedicaram-se a compreender esses efeitos em relação às outras mídias digitais, como smartphones e tablets²⁰.

Mediante busca em bases de dados como PsycINFO, ERIC, SCOPUS e PUBMED, as pesquisas encontradas sobre a temática que centram em investigar a interação cuidador-criança no contexto das mídias digitais recentes podem ser categorizadas em três subgrupos. Em geral, as interações têm sido avaliadas: (a) comparativamente durante leitura de livros impressos e *e-books*; (b) comparativamente entre brinquedos tradicionais e digitais e; (c) observações da interação em momentos da rotina.

Leitura de livros impressos e e-books

As investigações conduzidas a fim de comparar a interação cuidador-criança durante a leitura de livros eletrônicos e impressos identificou diálogos mais expansivos e ricos com livros do primeiro tipo. Na Turquia²¹, a partir de estudo de caso único com uma mãe e uma criança pré-escolar, foram analisadas a frequência e o conteúdo das interações que haviam sido filmadas durante a leitura dos dois tipos de livros. Ao final, identificaram maior frequência de conversas não imediatas na leitura do livro impresso em comparação com o *e-book*.

Nessa mesma direção, em Israel, foi pesquisada a interação durante leitura de livro impresso e *e-book* em quarenta e oito crianças pré-escolares e suas mães²². Os participantes foram designados aleatoriamente em quatro grupos: (a) livro impresso educacional; (b) livro impresso comercial; (c) *e-book* educacional e; (d) *e-book* comercial. Os pesquisadores entregaram cada tipo de livro para a dupla e filmaram as interações na própria casa dos participantes. Em seguida, as filmagens foram transcritas literalmente e codificadas em relação às interações verbais. Comparada a leitura de livros impressos, a de *e-books* produziu mais conversas iniciadas pela criança e mais responsividade às iniciações maternas. No entanto, a interação verbal durante a leitura de livros impressos em comparação com o contexto digital mostrou uma conversa mais expansiva. Discute-se que a interação foi influenciada pelos contextos de leitura e tem

potenciais impactos no desenvolvimento de linguagem e alfabetização.

Outro ponto de vista é apresentado a partir de estudo de caso etnográfico realizado na Espanha²³. Nesse estudo, investigou-se a interatividade de crianças na leitura de livros digitais compartilhados com a família. Foi observada uma interação complexa da criança com os recursos digitais, destacando a autonomia da criança que pode engendrar diferentes estratégias narrativas, como autor, colaborador ou personagem. No entanto, o foco que é atribuído à relação da criança com o livro digital permite questionar o papel da família frente à essa nova experiência de interação da criança.

Brinquedos tradicionais e brinquedos digitais

Sobre as pesquisas referentes aos momentos de interação com brinquedos, objetivou-se examinar como as duplas mãe-bebê interagem com dois tipos, eletrônicos e não eletrônicos. Em estudo canadense, foram avaliadas as interações com esses dois dispositivos em vinte e cinco mães e crianças de 16 a 24 meses²⁴. A interação foi avaliada por meio do PICCOLO²⁵. Os resultados mostraram que os comportamentos maternos (afeto, responsividade, encorajamento e práticas educativas) foram significativamente menores nas dimensões de responsividade e práticas educativas e marginalmente menos encorajadores com seus filhos enquanto brincavam com brinquedos eletrônicos. Assim, os dados corroboraram a hipótese inicial do estudo de que os brinquedos eletrônicos podem ter um impacto negativo na qualidade das interações mãe-filho.

Outro estudo observacional, conduzido em laboratório no Canadá, objetivou avaliar a brincadeira entre pais e mães com seus filhos com brinquedos tradicionais e aplicativos em tablets²⁶. Participaram do estudo 15 díades de pais/mães e criança de 4 a 6 anos de idade. Foram realizadas duas sessões de interação, sendo a primeira com brinquedos tradicionais que os pais haviam levado e a segunda com aplicativos em tablets. Os pesquisadores assistiram as filmagens exaustivamente e as categorizaram em temas emergentes a partir da abordagem da *Grounded Theory*. Seis temas principais foram encontrados: atenção compartilhada, desengajamento parental, desengajamento da criança, pedidos de atenção, aplicativos que gerenciam a atenção e orientação/

uso do espaço. Notou-se que durante a brincadeira com aplicativos digitais houve menos envolvimento e resposta aos pedidos de atenção entre os pares.

Com o mesmo objetivo, foram investigadas quarenta e oito crianças de três anos de idade e suas mães na Coreia do Sul durante brincadeira com brinquedo de pelúcia tradicional e brinquedo digital animado²⁷. Nesse estudo, procedeu-se duas filmagens de interação sequenciais de 15 minutos com cada brinquedo. Em seguida, realizou-se entrevistas com questionário estruturado com as crianças para compreender a concepção delas sobre os diferentes objetos. A interação mãe-criança foi analisada por meio do PICCOLO e os questionários foram transformados em escores, de maneira que pontuações mais altas indicavam que a criança considerava o brinquedo digital tão bom quanto um tradicional. Contrariamente ao estudo anterior, as mães apresentaram maiores comportamentos interativos com os filhos com o brinquedo digital. Foi discutido o efeito facilitador e mediador de um brinquedo digital e o engajamento dos pais durante a brincadeira como fator decisivo para esse resultado.

Observações da interação em momentos de rotina

Pesquisas direcionadas para o uso de tecnologias e a interação cuidador-criança que não enfatizavam *e-books* ou brinquedos digitais demonstraram que o intenso uso de dispositivos móveis por pais e mães têm sido associados a menores níveis de interação pais-crianças.

Segundo o estudo norte-americano, a utilização de mídias digitais de pais e mães pode induzir interrupções na troca interativa com a criança de forma deliberada pelos adultos²⁸. Para investigar esse tópico, os pesquisadores contaram com 170 famílias norte-americanas que responderam aos instrumentos de auto-relato "*Parent problematic digital technology use*"²⁸, "*Technology Device Interference Scale (TDIS)*"²⁹ e "*Child Behavioral Checklist*" (CBCL)³⁰. A partir de correlações bivariadas e modelo de equações estruturais encontraram que o uso parental excessivo de tecnologias foi preditor de maior número de interrupções nas interações e, em especial, o uso excessivo materno previu relatos parentais de sintomas de comportamentos externalizantes e internalizantes dos filhos aos três anos de idade. Essa interferência tecnológica,

chamada de tecnointerferência, esteve estatisticamente associada aos relatos parentais de problemas comportamentais em crianças, mas não foi esclarecido a direcionalidade e os processos subjacentes à essa interferência.

A associação entre a qualidade parental e o tempo de tela dos filhos foi verificada com 874 díades mãe-criança, entre 10 a 11 anos, nos Estados Unidos³¹. As díades mãe-filho realizaram duas tarefas de interação estruturada em laboratório que foram gravadas em vídeo e classificadas em dez fatores parentais utilizando uma escala de 7 pontos por observadores treinados. A análise dos dados indicou que quando as crianças se sentiam mais seguras e apoiadas, diminuíam as chances de passar mais tempo em frente à televisão.

Sobre o momento das refeições, uma investigação com método de observação naturalístico não-participante contou com 55 cuidadores em um fast-food na região metropolitana de Boston com uma ou mais crianças¹². Dentre esses, 40 cuidadores utilizaram dispositivo móvel durante a observação. Após a análise qualitativa dos dados, o principal tema foi a “absorção”, definida como a medida em que o foco principal da atenção era o dispositivo e não o filho. Em busca de padrões para o uso, o grau da absorção foi avaliado em termos de características como: frequência; duração e modalidade do uso; reação da criança ao uso do cuidador e a resposta dele e; se os dispositivos eram vistos separadamente ou junto com a criança. Ressalta-se que os cuidadores (n=4) que compartilharam o uso desses aparelhos com os filhos pareceram menos absortos e mais preocupados com a experiência conjunta. Os autores discutem que a maioria dos participantes foram caracterizados por uma “presença-ausência” que precisa ser melhor compreendida, especialmente, para entender os modos de uso compartilhado que atraem atenção conjunta de adultos e crianças.

A alimentação também foi central em pesquisa com 225 díades mãe-criança, com média de idade de seis anos, norte-americanas³². A partir de um protocolo de interação mãe-criança durante a alimentação foram apresentados um vegetal e uma sobremesa conhecidos e um de cada não tão comum. Assim, foi examinado as associações entre o uso de dispositivo móvel da mãe com a frequência de interação mãe-filho durante essa tarefa de laboratório. Verificou-se

menos interações verbais e não-verbais, avaliadas pelas filmagens da interação, com os filhos entre mães que espontaneamente usaram dispositivos móveis na tarefa do que mães que não usaram. Essa associação foi mais forte na apresentação do prato mais incomum, sublinhando a importância do apoio dos pais diante de uma experiência nova e possivelmente desafiadora para a criança.

A interação entre pais e filhos nos Estados Unidos foi avaliada também em relação à televisão³³. O objetivo deste estudo era determinar experimentalmente se a televisão, mesmo que de fundo, afetava a quantidade e a qualidade das interações adulto-criança. Cinquenta e uma crianças entre 12, 24 e 36 meses de idade acompanhadas do pai ou mãe foram observadas durante sessão de interação livre em um laboratório. Parte do tempo o aparelho esteve ligado, sendo em seguida, desligado. Os vídeos foram codificados a cada intervalo de dez segundos por dois avaliadores cegos aos objetivos do estudo. Em um primeiro momento, os avaliadores codificaram os comportamentos verbais de adultos e crianças na sessão, seguido pela codificação do nível de envolvimento. Os resultados apontaram que a televisão de fundo não apenas reduziu as interações verbais, mas principalmente, o envolvimento parental.

As pesquisas voltadas para a interação, em geral, indicam a necessidade de observação em situações naturalísticas. Pensando nisso, foi realizado um estudo norte-americano que objetivou identificar temas de comunicação familiar sobre dispositivos móveis³⁴. Esse estudo utilizou uma tecnologia conhecida como *Language Environment Analysis* (LENA) que consegue identificar sinais de mídia eletrônica no ambiente e gravar sons audíveis. As famílias foram instruídas para solicitar que as crianças usassem o dispositivo LENA em volta do pescoço, durante quatro horas por três dias, a fim de gravar conversas entre pais e filhos e outros conteúdos sonoros relacionados às mídias digitais. As gravações realizadas com LENA foram transcritas e analisadas por meio de Análise Temática de abordagem indutiva. Cinco temas principais emergiram, sendo eles: (a) a mediação parental é principalmente restritiva, reativa e “focado na tecnologia”; (b) a mediação ativa é dirigida pelas crianças; (c) os irmãos desempenham um papel fundamental na mediação; (d) negociações de

pais e filhos sobre o uso da mídia são comuns e; (e) alto grau de uso paralelo de mídia pela família. Embora tenha sido percebido que pais e filhos negociam limites de tempo de tela, o uso de mídia digital paralela foi destacado, configurando um contexto familiar multitarefa de mídia.

Outro estudo norte-americano também investigou o uso de tecnologias feito pelos cuidadores³⁵. Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com 22 participantes em que se explorou as perspectivas dos pais e das mães em relação ao próprio uso do celular e suas possíveis relações com a interação familiar. Os participantes relataram conflitos em relação à sobrecarga na tentativa de conciliar as tarefas do trabalho com as tarefas de casa, também referiram que o uso do celular na presença dos filhos seria um fator potencial tanto para gerar interrupções em momentos de rotina, como para ser usado como uma estratégia para reduzir momentos de tensão familiar.

Ao destacar a importância da relação mãe-bebê para a compreensão da exposição de bebês às mídias digitais, um estudo de coorte investigou o momento de refeição entre pais e filhos através do uso do dispositivo móvel do adulto nesse contexto. Participaram 195 díades mãe-criança nos Estados Unidos, cujos filhos tinham idade média de 05 anos. As representações maternas sobre o filho foram avaliadas por meio da WMCI³⁶ que foi considerada quantitativamente e os escores analisados como preditores da utilização de dispositivos móveis das mães no momento da interação. Foi identificado que as representações maternas de seus filhos, em especial, maior dificuldade com a criança, menor riqueza de percepções e menor sensibilidade no cuidado estavam significativamente associadas a maior uso de dispositivos móveis durante os encontros alimentares da díade. Os autores ressaltam que são necessárias mais pesquisas para entender a direcionalidade e as associações de longo prazo entre o uso de dispositivos móveis e as características da relação mãe-bebê³⁷.

Essa relação também foi estudada em estudo de Boston que examinou as possíveis associações entre os problemas de auto-regulação da primeira infância relatados pelos pais e a exposição às mídias, como televisão e vídeos, aos 2 anos da criança em uma amostra de 7450 crianças³⁸. Nesse estudo, foi utilizada a escala de

auto-regulação *Infant Toddler Symptom Checklist (ITSC)*³⁹. Foi identificado que os problemas de autorregulação da primeira infância estavam associados à exposição às mídias, na medida em que bebês e crianças pequenas, com esse tipo de dificuldades, são colocadas na frente das mídias por seus cuidadores com mais frequência. Esse resultado é problematizado, pois os autores evocam o caráter bidirecional dessa relação, questionando se talvez o fato de as crianças apresentarem mais dificuldades de autorregulação pode fazer com que os pais as exponham mais às mídias digitais, numa tentativa de acalmá-las.

Nesse mesmo sentido, outro estudo realizado nos Estados Unidos teve como objetivo investigar associações bidirecionais longitudinais entre o uso da tecnologia dos cuidadores e o comportamento infantil, tentando entender se essa relação era mediada pelo estresse parental⁴⁰. Participaram 183 casais com crianças entre 0 a 5 anos que completaram um survey online aos 1, 3 e 6 meses da pesquisa. Testou-se modelos de equações estruturais de tecnointerferência nas atividades cuidador-filho, estresse parental e sintomas de comportamento de externalizantes e internalizantes da criança. Os resultados demonstraram que maiores sintomas de comportamento externalizantes da criança previam maior tecnointerferência, devido a maior estresse parental. Os autores concluíram que há uma dinâmica bidirecional, na qual os pais e mães, estressados pelo comportamento difícil de seus filhos, podem se afastar das interações cuidador-criança por meio da tecnologia e esse maior uso da tecnologia durante as interações cuidador-filho pode influenciar sintomas de comportamentos externalizantes das crianças, aumentando o estresse parental e acarretando em mais uso de dispositivos móveis.

Diante disso, observa-se que algumas pesquisas internacionais encontraram resultados semelhantes, relatando que o intenso uso de dispositivos móveis por mães têm sido associados a menores níveis de interação mãe-criança^{28,33}. Por outro lado, estudos com livros e brinquedos digitais identificaram interações mais ricas e complexas quando associadas a esses dispositivos eletrônicos^{20,23,27}, sobretudo, em momentos que essa interação com o eletrônico era perpassada pela mediação do adulto.

A partir dessa revisão, denota-se nessas investigações o caráter recente e não-consensual do fenômeno, além de ser possível destacar que a maioria das pesquisas realizadas sobre a temática concentram-se na Europa e na América do Norte. Nenhuma pesquisa encontrada era proveniente da América do Sul. Esse achado é muito importante, na medida que países sul-americanos têm sido sub-representados em investigações dessa área⁴¹. No entanto, sabe-se que a exposição excessiva de bebês a essas mídias é também uma realidade, especialmente no contexto nacional. Nesse sentido, novas pesquisas são fundamentais, uma vez que, no Brasil, foi encontrado que 63,3% de crianças entre 24 e 42 meses tinham acesso às mídias digitais e excediam o limite de tempo estabelecido por órgãos oficiais¹³ que é de até uma hora por dia para essa faixa etária⁴².

Por fim, entende-se que os achados dessa revisão são preocupantes ao considerar a relevância da qualidade da interação mãe-bebê para o desenvolvimento da criança. Estudos anteriores destacaram fortemente os impactos negativos que o uso de mídias digitais por bebês pode ter em seu desenvolvimento, sendo esse uso, primordialmente, associado a desfechos não-saudáveis na infância⁴³⁻⁴⁶. Dessa forma, os resultados encontrados apontam que aspectos anteriores aos prejuízos no desenvolvimento da criança, como a qualidade da interação mãe-bebê, são um caminho importante para serem estudados em relação ao uso dessas mídias.

CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão de literatura sobre o uso de mídias digitais por bebês e a qualidade da interação mãe-bebê. Destaca-se que os artigos consultados investigaram a qualidade da interação em momentos da rotina ou comparativamente entre livros impressos e e-books ou com brinquedos tradicionais e digitais.

A partir dos resultados, notou-se que foram encontrados diálogos mais expansivos na presença do livro impresso, ainda que algumas vantagens tenham sido assinaladas em relação aos e-books. No segundo subgrupo, as interações realizadas com brinquedos tradicionais tenderam a favorecer a responsividade e envolvimento da díade, embora estudo recente tenha encontrado

maior engajamento com brinquedos digitais. Nas observações realizadas em situações de rotina, foi possível verificar que o uso de mídias parental impacta negativamente a qualidade da interação mãe-bebê.

Como limitação, pode-se mencionar o tipo de revisão, narrativa, adotada nesse trabalho. Contudo, é fundamental destacar que esse é o tipo de revisão adequado para o objetivo proposto por tratar-se de temática ampla, recente e de caráter exploratório. Além disso, destaca-se que foi realizada extensa busca em bases de dados e foram seguidos procedimentos sistemáticos em todo o processo da revisão. Assim, garantiu-se ampla cobertura da literatura científica e a sistematização de conhecimentos nessa temática ainda recente nacionalmente.

Por meio dos resultados, acredita-se que muito ainda há muito a ser investigado sobre o uso de mídias digitais e a qualidade da interação mãe-bebê no contexto brasileiro. É importante que estudos futuros se dediquem a esse fenômeno, inclusive, longitudinalmente para investigar os possíveis impactos que esse uso pode ter sobre a interação diádica e sobre o desenvolvimento da criança.

REFERÊNCIAS

1. Bowlby J. A secure base - Clinical Applications of Attachment Theory. 1º ed. Nova York: Routledge Taylor & Francis Group; 1988. 204 p.
2. Brazelton TB. As primeiras relações. 1º ed. 1992.
3. Lebovici S. O bebê, a mãe e o psicanalista. Porto Alegre: Artes Médicas; 1987.
4. Graff JC, Bush AJ, Palmer FB, Murphy LE, Whitaker TM, Tylavsky FA. Maternal and Child Characteristics Associated With Mother-Child Interaction in One-Year-Olds: MOTHER-CHILD INTERACTIONS IN ONE-YEAR-OLDS. Research in Nursing & Health [Internet]. agosto de 2017 [citado 23 de novembro de 2019]; 40(4): 323–40. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1002/nur.21798>
5. Britto PR, Lye SJ, Proulx K, Yousafzai AK, Matthews SG, Vaivada T, et al. Nurturing care: promoting early childhood development. The Lancet [Internet]. janeiro de 2017 [citado 24 de setembro de 2019]; 389(10064): 91–102. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0140673616313903>

6. Freund J-D, Linberg A, Weinert S. Longitudinal interplay of young children's negative affectivity and maternal interaction quality in the context of unequal psychosocial resources. *Infant Behavior and Development* [Internet]. maio de 2019 [citado 24 de setembro de 2019]; 55: 123–32. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0163638318301760>
7. Pinto E. A análise das interações pais/ bebê em abordagem psicodinâmica: clínica e pesquisa. In: *Observando a interação pais-bebê-criança: diferentes abordagens teóricas e metodológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2007. p. 37–72.
8. Reid Chassiakos Y (Linda), Radesky J, Christakis D, Moreno MA, Cross C, COUNCIL ON COMMUNICATIONS AND MEDIA. Children and Adolescents and Digital Media. *Pediatrics* [Internet]. novembro de 2016 [citado 17 de setembro de 2019]; 138(5): e20162593. Disponível em: <http://pediatrics.aappublications.org/lookup/doi/10.1542/peds.2016-2593>
9. American Psychological Association. Digital Media. *Thesaurus of Psychological Index Terms*.
10. Barr R. Growing Up in the Digital Age: Early Learning and Family Media Ecology. *Current Directions in Psychological Science* [Internet]. agosto de 2019 [citado 17 de setembro de 2019]; 28(4): 341–6. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0963721419838245>
11. Lemish D, Elias N, Floegel D. "Look at me!" Parental use of mobile phones at the playground. *Mobile Media & Communication* [Internet]. 29 de junho de 2019 [citado 27 de janeiro de 2020]; 205015791984691. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2050157919846916>
12. Radesky JS, Kistin CJ, Zuckerman B, Nitzberg K, Gross J, Kaplan-Sanoff M, et al. Patterns of Mobile Device Use by Caregivers and Children During Meals in Fast Food Restaurants. *PEDIATRICS* [Internet]. 1º de abril de 2014 [citado 24 de setembro de 2019]; 133(4): e843–9. Disponível em: <http://pediatrics.aappublications.org/cgi/doi/10.1542/peds.2013-3703>
13. Nobre JNP, Santos J, Santos L, Guedes S, Pereira L, Costa J, et al. Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. *Ciência e Saúde Coletiva* [Internet]. 2019 [citado 24 de setembro de 2019]; Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/fatores-determinantes-no-tempo-de-tela-de-criancas-na-primeira-infancia/17321?id=17321>
14. Duch H, Fisher EM, Ensari I, Font M, Harrington A, Taromino C, et al. Association of Screen Time Use and Language Development in Hispanic Toddlers: A Cross-Sectional and Longitudinal Study. *Clinical Pediatrics* [Internet]. setembro de 2013 [citado 26 de setembro de 2019]; 52(9): 857–65. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0009922813492881>
15. Barnett-Page E, Thomas J. Methods for the synthesis of qualitative research: a critical review. *BMC Medical Research Methodology* [Internet]. dezembro de 2009 [citado 27 de abril de 2020]; 9(1). Disponível em: <https://bmcmedresmethodol.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2288-9-59>
16. Rother ET. Revisão sistemática x Revisão Narrativa. *Acta paulista de Enfermagem*. 2007;20(2):v–vi.
17. de Toledo JA, Rodrigues MC. Teoria da mente em adultos: uma revisão narrativa da literatura. São Paulo. 37(92): 18.
18. Piccinini CA, Moura MLS de, Ribas AFP, Bosa CA, Oliveira EA de, Pinto EB, et al. Diferentes Perspectivas na Análise da Interação Pais-Bebê/Criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica* [Internet]. 2001 [citado 24 de setembro de 2019]; 14(3): 469–85. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722001000300004&lng=pt&rm=iso&tlng=pt
19. De-la-Torre-Ugarte-Guanilo MC, Takahashi RF, Bertolozzi MR. Revisão sistemática: noções gerais. *Revista da Escola de Enfermagem da USP* [Internet]. outubro de 2011 [citado 25 de maio de 2019]; 45(5): 1260–6. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000500033&lng=pt&tlng=pt
20. Skaug S, Englund KT, Saksvik-Lehouillier I, Lydersen S, Wichstrøm L. Parent-child interactions during traditional and interactive media settings: A pilot randomized control study. *Scandinavian Journal of Psychology* [Internet]. abril de 2018 [citado 20 de setembro de 2019]; 59(2): 135–45. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1111/sjop.12420>
21. Ozturk G, Hill S. Mother-child interactions during shared reading with digital and print books. *Early Child Development and Care* [Internet]. 14 de novembro de 2018 [citado 24 de setembro de 2019]; 1–16. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03004430.2018.1538977>

22. Korat O, Or T. How New Technology Influences Parent—child Interaction: The Case of e-book Reading. *First Language* [Internet]. maio de 2010 [citado 18 de setembro de 2019]; 30(2): 139–54. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0142723709359242>
23. Aliagas C, Margallo AM. Children's responses to the interactivity of storybook apps in family shared reading events involving the iPad: Children's responses interactivity storybook. *Literacy* [Internet]. janeiro de 2017 [citado 24 de setembro de 2019]; 51(1): 44–52. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1111/lit.12089>
24. Wooldridge MB, Shapka J. Playing with technology: Mother–toddler interaction scores lower during play with electronic toys. *Journal of Applied Developmental Psychology* [Internet]. setembro de 2012 [citado 24 de setembro de 2019]; 33(5): 211–8. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0193397312000445>
25. Roggman LA, Cook GA, Innocenti MS, Jump Norman V, Christiansen K. Parenting Interactions with Children: Checklist of Observations Linked to Outcomes (PICCOLO) in Diverse Ethnic Groups: PICCOLO Parenting Measure in a Diverse Sample. *Infant Mental Health Journal* [Internet]. julho de 2013 [citado 27 de setembro de 2019]; 34(4): 290–306. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1002/imhj.21389>
26. Hiniker A, Lee B, Kientz JA, Radesky JS. Let's Play!: Digital and Analog Play between Preschoolers and Parents. In: *Proceedings of the 2018 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems - CHI '18* [Internet]. Montreal QC, Canada: ACM Press; 2018 [citado 24 de setembro de 2019]. p. 1–13. Disponível em: <http://dl.acm.org/citation.cfm?doid=3173574.3174233>
27. Sung J. How Young Children and Their Mothers Experience Two Different Types of Toys: A Traditional Stuffed Toy Versus an Animated Digital Toy. *Child & Youth Care Forum* [Internet]. abril de 2018 [citado 18 de setembro de 2019]; 47(2): 233–57. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s10566-017-9428-8>
28. McDaniel BT, Radesky JS. Technoference: Parent Distraction With Technology and Associations With Child Behavior Problems. *Child Development* [Internet]. janeiro de 2018 [citado 24 de setembro de 2019]; 89(1): 100–9. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1111/cdev.12822>
29. McDaniel BT, Coyne SM. “Technoference”: The interference of technology in couple relationships and implications for women's personal and relational well-being. *Psychology of Popular Media Culture* [Internet]. 2016 [citado 24 de setembro de 2019]; 5(1): 85–98. Disponível em: <http://doi.apa.org/getdoi.cfm?doi=10.1037/ppm0000065>
30. Achenbach TM, Rescorla LA. *Manual for the ASEBA preschool forms and profiles*. Burlington, NJ: University of Vermont, Department of Psychiatry.
31. Sebire SJ, Jago R. Parenting quality and television viewing among 10 year old children. *Preventive Medicine* [Internet]. maio de 2013 [citado 23 de novembro de 2019]; 56(5): 348–50. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0091743513000431>
32. Radesky J, Miller AL, Rosenblum KL, Appugliese D, Kaciroti N, Lumeng JC. Maternal Mobile Device Use During a Structured Parent–Child Interaction Task. *Academic Pediatrics* [Internet]. março de 2015 [citado 24 de setembro de 2019]; 15(2): 238–44. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1876285914003386>
33. Kirkorian HL, Pempek TA, Murphy LA, Schmidt ME, Anderson DR. The Impact of Background Television on Parent-Child Interaction. *Child Development* [Internet]. setembro de 2009 [citado 24 de setembro de 2019]; 80(5): 1350–9. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1111/j.1467-8624.2009.01337.x>
34. Domoff SE, Radesky JS, Harrison K, Riley H, Lumeng JC, Miller AL. A Naturalistic Study of Child and Family Screen Media and Mobile Device Use. *Journal of Child and Family Studies* [Internet]. fevereiro de 2019 [citado 23 de novembro de 2019]; 28(2): 401–10. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s10826-018-1275-1>
35. Radesky JS, Kistin C, Eisenberg S, Gross J, Block G, Zuckerman B, et al. Parent Perspectives on Their Mobile Technology Use: The Excitement and Exhaustion of Parenting While Connected. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics* [Internet]. 2016 [citado 26 de setembro de 2019]; 37(9): 694–701. Disponível em: <http://content.wkhealth.com/linkback/landingpage&an=00004703-201611000-00002>
36. Zeanah C, Benoit D, Barton M. *Working Model of the Child Interview*. Providence, RI: Brown Univ; 1995.

37. Radesky J, Leung C, Appugliese D, Miller AL, Lumeng JC, Rosenblum KL. Maternal Mental Representations of the Child and Mobile Phone Use During Parent-Child Mealtimes: *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics* [Internet]. fevereiro de 2018 [citado 24 de setembro de 2019]; 1. Disponível em: <http://insights.ovid.com/crossref?an=00004703-900000000-99323>
38. Radesky JS, Silverstein M, Zuckerman B, Christakis DA. Infant Self-Regulation and Early Childhood Media Exposure. *PEDIATRICS* [Internet]. 1º de maio de 2014 [citado 23 de novembro de 2019]; 133(5): e1172–8. Disponível em: <http://pediatrics.aappublications.org/cgi/doi/10.1542/peds.2013-2367>
39. DeGangi G, Poisson S, Sickel R, Weiner A. *Infant/Toddler Symptom Checklist: A Screening Tool for Parents*. San Antonio, TX. Therapy Skill Builders, a division of The Psychological Corporation; 1995.
40. McDaniel BT, Radesky JS. Technoference: longitudinal associations between parent technology use, parenting stress, and child behavior problems. *Pediatric Research* [Internet]. agosto de 2018 [citado 23 de novembro de 2019]; 84(2): 210–8. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/s41390-018-0052-6>
41. Jordan A, Prendella K. The invisible children of media research. *Journal of Children and Media* [Internet]. 3 de abril de 2019 [citado 22 de setembro de 2019]; 13(2): 235–40. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17482798.2019.1591662>
42. Council of communication and media. *Media and young minds*. American Academy of Pediatrics.
43. Hinkley T, Carson V, Kalomakaefu K, Brown H. What mums think matters: A mediating model of maternal perceptions of the impact of screen time on preschoolers' actual screen time. *Preventive Medicine Reports* [Internet]. junho de 2017 [citado 21 de setembro de 2019]; 6: 339–45. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S2211335517300785>
44. LeBlanc AG, Spence JC, Carson V, Connor Gorber S, Dillman C, Janssen I, et al. Systematic review of sedentary behaviour and health indicators in the early years (aged 0–4 years). *Applied Physiology, Nutrition, and Metabolism* [Internet]. agosto de 2012 [citado 24 de setembro de 2019]; 37(4): 753–72. Disponível em: <http://www.nrcresearchpress.com/doi/10.1139/h2012-063>
45. Webster EK, Martin CK, Staiano AE. Fundamental motor skills, screen-time, and physical activity in preschoolers. *Journal of Sport and Health Science* [Internet]. março de 2019 [citado 24 de setembro de 2019]; 8(2): 114–21. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S2095254618301054>
46. Fullwood I. Increased screen time is associated with poorer developmental outcomes in early childhood. *Archives of disease in childhood - Education & practice edition* [Internet]. 10 de julho de 2019 [citado 24 de setembro de 2019]; edpract-2019-317304. Disponível em: <http://ep.bmj.com/lookup/doi/10.1136/archdischild-2019-317304>